



Enflama 7

• São Paulo •

PROJETO REALIZADO COM O APOIO DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL - 2012.

realização

*quinta.
essentia
quarteto*

apoio:

USP

PRCEU

20^{an}
OS
MARIANTÔNIA

centro  **suzuki**
de educação musical

ProAc
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Índice

O Enflama	4
Os Organizadores	5
Convidados:	
Paul Leenhouts, Adriana Breukink	6
Fantasmí, Rafael dos Santos:.....	7
NovoOvoNovo	8
Allegretto.....	9
Trabalhos de pesquisa e relato de experiência:	
“Spiel und Spaß mit der Blockflöte!” – Confronto de sua metodologia a partir de uma experiência de ensino em escolas alemãs e brasileiras.....	11
Construindo a habilidade de tocar flauta doce através do método da língua materna	16
A aquisição da leitura melódica por meio da prática de estudos do método Sopra Novo Yamaha	24
Ensino/aprendizagem de instrumento a distância: um relato de experiência dialógica voltada para a performance musical	29
Flautas doces da Amazônia: Como estamos fazendo isso	35
Música Erudita Brasileira para Flauta Doce e Piano.....	39
Palestras:	
Afinação – acabando com os mitos	46
Inalador ou exalador?	59

Ensino/aprendizagem de instrumento a distância: um relato de experiência dialógica voltada para a performance musical

Cao Benassi

Resumo: Este trabalho visa explicitar os resultados parciais de um trabalho de ensino de instrumento a distância, realizado por seu autor em parceria com a professora flautista doce. Contextualiza a educação aberta, as características do público que a procura e ainda os deveres das partes envolvidas para que este tipo de interação venha a surtir efeitos positivos. As aulas acontecem via Skype sendo que, obrigatoriamente, um encontro por semestre é presencial. O material e a metodologia utilizados são o Suzuki, tanto nos suportes impressos quanto nos de áudio.

Palavras-chave: EAD, Ensino de Instrumento a Distância-EID, flauta doce, videoconferência, Skype

Distance teaching and learning instrument: a dialogic experience report focused on musical performance

Abstract: This paper aims to clarify the partial results of a study in distance learning instrument, performed by the author in collaboration with Professor flutist. Contextualizes the open and distance education, the characteristics of public demand and also the duties of the parties to this type of interaction so that it will bring some sort of positive effects. Classes are held via Skype and, necessarily, one meeting per semester is a face to face class. The material and the methodology used are Suzuki, both in print media and in the audio.

Keywords: Distance Learning, Distance Teaching Instrument-DTI, recorder, videoconferencing, Skype

1. A EAD: características, público e procura

Segundo o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância¹, só no ano de 2007, no Brasil mais de 2,5 milhões de brasileiros, estudaram em algum tipo de curso, na modalidade de Educação Aberta e a Distância². O relatório do AbraEAD do ano de 2008, traça um panorama completo da EAD no Brasil. O mesmo conclui que o número de brasileiros que tem procurado a EAD para obterem formação acadêmica e profissional é por certo maior, pois este levantamento inclui apenas projetos de porte nacional ou regional, estando de fora uma infinidade de projetos com cursos livres, de línguas, matérias a distância de cursos presenciais etc. (AbraEAD, 2008: 15).

Os dados referentes ao número de alunos em projetos credenciados, especialidade deste Anuário, mostram que, nos últimos três anos, o número de alunos em EAD cresceu 213%, e o de instituições credenciadas, 54,8%. Só no ano passado, esse crescimento foi de 24,9% no número de alunos e de 14,2% no de instituições (Tabela 1.2). Trata-se de um crescimento que, embora tenha diminuído seu ritmo (o percentual de crescimento de alunos nos anos anteriores era maior), continua intenso, e justificou-se, no ano passado, por alguma espera das instituições, pelas definições legais e normativas em curso até dezembro de 2007 na área da EAD (AbraEAD, 2008: 15).

Segundo Tafner, Tomelin e Siegel (2009: 28) existem dois tipos de autoaprendizagem: a autônoma, que caracteriza um indivíduo que aprende sozinho, ou seja, é autodidata e a dirigida, em que no método de aprendizagem a “preocupação não está centrada no professor, mas no estudante, que é o foco de todo este processo” (TAFNER; TOMELIN; SIEGEL, 2009: 29). A este tipo de aprendizagem podemos relacionar os estudantes que buscam cursos a distância e que têm as seguintes atitudes:

[...] reconhecem suas necessidades de estudo, formulam objetivos para o estudo, selecionam conteúdos, projetam estratégias de estudo, arranjam materiais e meios didáticos, identificam fontes humanas e materiais adicionais e fazem uso delas, bem como quando eles próprios organizam, dirigem, controlam e avaliam o processo de aprendizagem. (PETERS, 2001, p. 95).

Em suma, a EAD exige um aluno “autônomo e independente, mais responsável pelo processo de aprendizagem e disposto à autoaprendizagem” (MAIA; MATTAR, 2007, p. 85). Para alguns pesquisadores, o início da EAD remonta a inven-

ção da imprensa, no entanto, para Tafner, Tomelin e Siegel (2009: 12) as evidências do início da EAD apontam para o século XIX como a melhoria das técnicas de impressão, melhoria dos transportes e dos mecanismos de comunicação.

A história da EAD é marcada por três fases, denominadas gerações. A primeira geração se dá com os cursos por correspondência. O ensino contava com material impresso, com conteúdo teórico e atividades de fixação, que eram enviados pelos Correios. Estes materiais eram caracteristicamente, autoinstrutivos e permitiam ao aluno um bom aproveitamento e desenvolvimento “do cursista que fazia sua própria ‘caminhada’. Nesse contexto, foram aprofundadas as discussões sobre o processo de autoaprendizado e sobre a necessidade de disciplina e de autonomia do estudante” (TAFNER; TOMELIN; SIEGEL, 2009: 12. Grifo dos autores).

A segunda geração da EAD deu-se com o desenvolvimento de novas mídias, como o rádio, a televisão e o telefone. Segunda Maia e Mattar (2007: 22) com o advento das novas tecnologias de comunicação, surgiram as megauniversidades abertas a distância, tendo estas instituições o maior número de alunos em seus países. Com a facilidade de comunicação entre instituição de ensino e aluno, além do enriquecimento do processo de ensino aprendizagem, houve um favorecimento da difusão da informação, estabelecendo uma comunicação sincrônica³. Por fim colaborando para viabilizar a educação a distância e o seu lema: tecnologia à serviço da educação.

Finalmente, a terceira geração foi marcada pelo advento da informática. Contando com computadores em rede, a partir do ano de 1995 que, com o crescimento notório da internet, o momento se configurou um novo espaço de interação, um espaço virtual. Concordo com Maia e Mattar (2007, p. 22), que, “em relação à geração anterior, não temos mais uma diversidade de mídias que se relacionam, mas uma verdadeira integração delas, que convergem para as tecnologias de multimídia e o computador”. Além disso, esta nova geração, proporcionou ao aluno virtual, uma nova série de recursos em sua própria residência. Para finalizar este tópico, vale ressaltar as palavras de Maia e Mattar (2007, p. 53) que “a dose de multimídia é um dos fatores determinantes na diferenciação entre os modelos de EAD”.

2. A falta de professores de flauta doce habilitados e a necessidade de aperfeiçoamento

A educação musical no Brasil é amplamente discutida. Um bom exemplo, são as inúmeras publicações que surgem anualmente, não só em revistas acadêmicas, como também em anais de eventos. Como a aprovação da Lei n.º 11.769, novas preocupações surgiram no âmbito educacional musical. A classe acadêmica se organizou em torno da discussão de metodologias, materiais didáticos e propostas de conteúdos.

Sabemos que as soluções advindas dessas discussões são idealizadas e muitas delas estão longe de contemplar a realidade. Sobre a formação do professor a Revista Nova Escola, publicou em seu site: “Cursos sem foco, currículos distantes das necessidades e ensino precário mostram a urgência de repensar a preparação para a docência no país”. Isto implica na má formação dos novos profissionais que atuam no ensino. Sobre este fato, Machado aponta que,

Na literatura da área da educação musical, a formação dos professores de música, que se destinam a atuar no ensino básico, tem se tornado um dos assuntos mais enfatizados, uma vez que os cursos de licenciatura em música não têm contribuído totalmente à qualificação dos docentes para enfrentarem a realidade do mercado de trabalho. (MACHADO, 2004. p.37).

Se nos grandes centros há uma evidente e concreta problemática no ensino da música, na “periferia” do país, os “sintomas são crônicos”. Benassi (2012) comunica os resultados de uma pesquisa realizada na cidade de Cuiabá, sobre o ensino de música, tendo como meio a flauta doce. Tais resultados são alarmantes. Três professores que atuam em diferentes regiões da cidade e também em diferentes esferas do ensino musical foram entrevistados e segundo o pesquisador, os educadores utilizam a flauta doce em suas salas de aula, porém não possuem conhecimentos básicos, tais como, articulação, métodos, repertório e possibilidades performáticas (BENASSI, 2012: 2,4).

Na fala dos professores entrevistados, fica evidente que o despreparo e as dificuldades enfrentados no dia-a-dia da sala de aula, está diretamente ligado a formação que os mesmos receberam durante o curso de graduação. Um dos professores externaliza suas frustrações em relação ao seu “fazer de professor”, relatando que quando propõe alguma música para ser estudada com a flauta doce os alunos pedem outras que não é

do seu conhecimento.

Os entrevistados de forma unânime relataram não ter conhecimento do repertório da flauta doce, tanto o antigo quanto o atual, também não reconhecem como sendo importante, pois os alunos que se sobressaem no estudo da música e na prática instrumental com a flauta doce, são sem exceção encaminhados ao estudo de outro instrumento. Notadamente, o professor de música não atende as especificidades do ensino musical, principalmente, do ensino de instrumento voltado para a performance.

Normalmente, há nos professores de flauta uma preocupação na posição do instrumento em relação ao corpo – posição equivocada – articulação exclusivamente feita em “tu”, pouco ou nenhum conhecimento do repertório escrito para a flauta doce. Sobre este tipo de profissional, Hauwe afirma que,

Todos nós flautistas e professores, conhecemos colegas com os dedos duros, mãos como patas, tensão aguda nos braços e pescoço, e seus lábios “invisíveis” pressionado firmemente para dentro. Maneira como aprenderam a tocar a flauta doce, ou para ser mais exato, é a posição que chegaram por si mesmos, por falta de orientação adequada. (HAUWE, 1984: 07. Grifo do autor).

Outro problema apontado por Benassi (2012) no ensino de flauta doce é a falta de cursos de aperfeiçoamento e de capacitação, uma vez que o professor do instrumento, estuda e toca outro tipo de instrumento e em função do trabalho, não consegue conciliar a função de educar e se aperfeiçoar e/ou capacitar. Somente um dos entrevistados manifestou o desejo de ir além: estudar seriamente, mas que em virtude do trabalho, isto não é possível.

O ensino de flauta doce apresenta sérios problemas. Cuervo (2008: 227) aponta que há um uso maciço da flauta doce em escolas e projetos sociais, ficando seu uso restrito a processos de iniciação, sem grandes preocupações com a performance musical. O instrumento segundo a autora, não possui credibilidade artística, fato que o tem limitado a iniciação musical. Um aluno que se desenvolve bem no aprendizado do instrumento, é imediatamente, levado ao estudo da flauta ou do saxofone (BENASSI, 2012: 7).

Ao analisar os materiais didáticos utilizados por grande parte dos professores de música, que ensinam flauta doce – inclusive os professores do curso de música da Universidade Federal de Mato Grosso – Benassi (2012: 9) considera que há um descompasso no ensino do instrumento, no curso

de Licenciatura em música. A disciplina destinada a prática musical com a flauta doce no curso de música da UFMT, usa de materiais como “Vamos tocar flauta doce” de Tirler (1988, 16ª ed.) e “Minha doce flauta doce” de Mascarenhas (1977) e de um material instrucional de qualidade duvidosa.

O autor chega a conclusão que este privilegia a formação de repertório diversificado, sem atentar para o repertório antigo e atual da flauta, bem como, fazer pouca referência a técnica do instrumento. Outro empecilho é “defasagem do material didático, a falta de atuação musical dos professores, pouca ou nenhuma atualização metodológica e ainda a inexistência de publicações dos mesmos sobre o assunto” (BENASSI, 2012: 9).

3. Materiais didáticos e metodologia: o Ensino de Instrumento à Distância⁵

Após concluir as disciplinas de prática instrumental no curso de música da UFMT, senti que não estava preparado para “enfrentar” uma sala de aula. Julgava que devia me aperfeiçoar, pois o ensino de flauta doce no referido curso é deveras insipiente. Tal sentimento se originava devido a falta de orientação durante o curso. No ano de 2012 ao participar do VI Enflama⁶, o desejo de “ir além”, ficou mais evidente.

Depois de uma longa conversa com um flautista doce, e posteriormente, com a professora de flauta doce indicada, tomo a decisão de voltar a estudar flauta doce. Em outubro de 2012, dá-se o primeiro encontro presencial, sendo que, naquele momento estava decidido a fazer aulas esporádicas, uma vez que, estou situado a uma distância considerável de São Paulo, se tornando inviável para mim, mais que dois encontros por semestre.

Foi então que a professora sugeriu, um encontro presencial por semestre e três encontros mensais por videoconferência, via Skype. A princípio, houve um estranhamento de minha parte, pois não acreditava na EAD em música. Mas, depois de passar por uma experiência, ministrando aulas de LIBRAS na Universidade Aberta do Brasil/UFMT, no curso de Pedagogia modalidade a distância – Acordo Brasil/Japão, cuja avaliação conceitual é 5, enquanto o mesmo curso presencial é menor, resolvi não só fazer o aperfeiçoamento à distância em instrumento, como também, uma Pós-gradua-

ção Latu-sensu em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Os encontros via videoconferência 3 encontros por mês por videoconferência, sendo que, a cada semestre deverá acontecer um encontro presencial. A flexibilidade de horários e a possibilidade de estudar em qualquer lugar (que exista cobertura da internet) é um dos grandes atrativos da EAD que sem dúvida pode e deve ser incorporados a EID.

Os materiais e recursos didáticos escolhidos para as aulas, foram o método Suzuki (livro e CD), computador com câmera e microfone para captação de som e imagem, conectado à internet e a flauta doce Eagle projetada por Adriana Breukink. No primeiro encontro, a professora avaliou minha postura, lembrando que no encontro presencial em São Paulo, eu estava totalmente tenso, não mantinha a postura correta dos ombros e o dedilhado estava comprometido devido a tensão muscular, características por mim corrigidas.

Outro ponto avaliado positivamente pela professora foi a sensível melhora no meu som, e que eu havia mantido as articulações, um dos assuntos abordados na primeira aula presencial. Nos encontros a distância, eu me posiciono a uma extensão de 1,5 a 2 metros do computador para não comprometer a captação de som e imagem, distância esta, suficiente para que a professora possa ver meu rosto, braços e tronco. Ver os detalhes do rosto, braços e tronco é importante para aluno e professor, pois de um lado, o professor pode avaliar o comportamento do aluno na respiração, articulação e dedilhado, por outro, o aluno pode observar os exemplos dados pelo professor e realizar a aplicação imediata.

Tanto na primeira aula por videoconferência, quanto nas duas subsequentes, a professora avaliava a postura do meu corpo, fazendo-me perceber que estava tensionando a embocadura, principalmente. No primeiro encontro on-line fizemos leitura direcionada das oito primeiras lições do método Suzuki e nos encontros subsequentes, sempre havia uma retomada das lições anteriores, que deviam ser executadas, preferencialmente, sem o suporte da leitura.

Outro aspecto que sempre é avaliado nas aulas é a articulação. Nas lições do método há a indicação da articulação a ser utilizada. A cada execução, mesmo não havendo proximidade física e de depender da transmissão de dados via internet que pode oscilar, é possível perceber as nuances de cada uma delas. Mesmo havendo, às vezes, queda na qualidade do

som que chega até o lócus da docente, a avaliação é realizada repetindo a execução da lição.

4. Considerações finais

Ao se falar em educação a distância, têm-se a falsa ideia de que a figura do professor seria dispensável ou que este suporte poderia dar-se por meio de aulas gravadas em vídeo. Mas para Pretti (2005: 25) “a mediação tecnológica não pode eliminar ou querer se colocar no lugar da mediação humana”, isto que dizer que, o minucioso olhar do professor sobre o fazer musical, sobre o aprendizado do aluno, é essencial.

Neste aspecto, diferentemente da EAD tradicional, onde o professor prepara o material, quase sempre em caráter dialógico, pensado para atender as características peculiar deste tipo de aluno, sendo que o contato para resolução de dúvidas, anseios e inquietações do mesmo se dá com o tutor da disciplina, no EID o contato deve ser direto com o professor. Se for pensar numa mediação via tutor, este profissional deve ser também um bom músico, seguindo os mesmos princípios didáticos e metodológicos do professor.

González Rey (1995) ressalta a importância da relação emocional entre os sujeitos, no processo interacional ensino-aprendizagem. Isto quer dizer que, além dos aspectos técnicos, é importante que haja no ambiente virtual de aprendizado, um bom relacionamento entre professor e aluno. Os encontros sempre se iniciam com uma pequena conversa entre nós, o que denota que o relacionamento existente vai um pouco além de uma relação professor/aluno: há portanto, uma relação de “cortesia amistosa” importante para que o conhecimento mediado, seja de fato, efetivado.

Por causa dos eventos frenéticos do cotidiano no contemporâneo, em muitos casos, a educação formal regular presencial, se torna inviável. Com o avanço da tecnologia e a rapidez na transmissão de dados proporcionados pela rede mundial de computadores, a educação não podia ficar indiferente a estas novas possibilidades. A EAD tem se mostrado uma ótima forma flexível que pode contemplar o sujeito que não dispõe de tempo ou que não dispõe de recursos para um deslocamento geográfico.

Não havendo a oferta de cursos ou de professores capacitados no local onde reside o sujeito, a EID pode ser um ótimo aliado para a formação, capacitação ou aperfeiçoamento

do músico. Mas é evidente que neste processo tem que haver um comprometimento de ambas as partes, para que sejam alcançados os objetivos a que se propõem professor e aluno.

Além dos aspectos apontados, outro detalhe importante que vai ao encontro do postulado de González Rey sobre o envolvimento emocional, é a satisfação com o processo de ambas as partes. Havendo resultados positivos, há o interesse de ambas as partes, em continuar envolvidos no processo. No meu caso, a melhora na qualidade sonora de minha execução musical é um elemento motivador, aliado ao comprometimento com o processo, tem mostrado que o EID é possível.

Referências:

BENASSI, C. A. Ensino de música por meio da flauta doce: o instrumento usado como recurso facilitador. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO-SEMIEDU, 20, 2012, Cuiabá. Das crianças nas instituições das crianças (in)visíveis: entre a sujeição e as possibilidades criativas. Cuiabá: EduFMT. 2012, p. 01-10.

BRASIL. Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, 2008 Coordenação: Fábio Sanchez. 4.ed. São Paulo: Instituto Monitor, 2008.

CUERVO, L. Música contemporânea para flauta doce: um diálogo entre educação musical, composição e interpretação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 18, 2008, Salvador. Anais do XVIII da ANPPOM. Salvador: UFBA. p. 227-230.

GONZÁLEZ REY, F. Comunicación, personalidad y desarrollo. Havana: Pueblo y Educación, 1995.

HAUWE, W. van. The modern recorder player. Vol 1. London: Schott music LTD. 1984.

MACHADO, D. D. A visão dos professores de música sobre as competências docentes necessárias para a prática pedagógico-musical no ensino fundamental e médio. Revista da ABEM, Porto Alegre: Abem, 2004, p. 37-45.

MAIA, C; MATTAR, J. ABC da EaD. São Paulo: Pearson

Prentice Hall, 2007.

PETERS, O. Didática do ensino a distância. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

PRETTI, O. (Org.). Educação a distância: sobre discursos e práticas. Brasília: Liber Livro, 2005.

TAFNER, E. P; TOMELIN, J. F; SIEGEL, N. Educação a distância e métodos de autoaprendizado. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

1. AbraEAD.

2. EAD.

3. A comunicação síncrona se dá quando duas ou mais pessoas estão em contato, em espaços diferentes, mas em tempo real.

4. O ensino de música pode ser formal (regular ou especializado) informal ou no chamado terceiro setor – os projetos sociais.

5. EID.

6. Encontro Nacional de Flauta Doce.

REFERÊNCIAS A ESTE TRABALHO

BENASSI, C. A. Ensino/aprendizagem de instrumento a distância: um relato de experiência dialógica voltada para a performance musical. In: Excelência na performance: novos caminhos para a flauta doce. Enflama 7. Ano 7. 2013. p. 29-34.